

>> ISABEL BARATA | 30 de Junho de 2015

Exmo. Sr. Presidente do Governo,
Cara Maria Emília,
Senhoras e senhores,

Se existe algo de unânime em todas as intervenções que tivemos hoje oportunidade de ouvir nesta conferência, é o facto do José Medeiros Ferreira nos fazer falta. E faz-nos falta nas suas diferentes e inúmeras facetas: como homem, como político, como intelectual e como amigo.

Ainda há pouco, lá fora, a sua prima Natividade, a “Mariazinha” como ele carinhosamente lhe chamava, me dizia que ele faz muita falta, porque nos ensinava coisas, o que derivava do facto de não andar cá, como muitos, para ver andar os outros.

De facto aprendíamos muito com ele, que gostava, na sua forma peculiar, de pensar sobre tudo, e depois de nos guiar e ensinar.

Já hoje, a este propósito, tinha pensado no José Medeiros Ferreira, não apenas pelo facto de este conferência ocorrer, mas sim porque ele, que tanto me ensinou, me teria certamente ralhado por não seguir os seus ensinamentos. A verdade é que ele sempre preconizou que quando temos que fazer intervenções públicas, nos devemos apresentar no nosso melhor. E isso implica viajarmos sempre de véspera, para dormirmos uma noite retemperadora e estarmos em plena forma. Hoje já fiz dois voos; ida matinal e volta no final do dia, o que se situa muito fora destes princípios.

Tenho que confessar, apesar de o apreciar nas suas muitas facetas, que o que me faz mais falta é o amigo. Perdoem-me esta perspectiva muito afectiva e pessoal.

Ele gostava de nos ensinar porque gostava de si, porque se estimava. Permitam-me alguns dogmatis-mos profissionais: era esse respeito e afecto que tinha por si, essa enorme auto-estima que lhe permitiam gostar tanto dos outros e da vida. Quem não gosta de si, não tem capacidade de gostar dos outros.

Interessava-se genuinamente pelas pessoas. Assisti algumas vezes, ou intuí, intervenções discretas no sentido de ajudar A, B ou C.

Obviamente, as pessoas retribuía da mesma forma este afecto, e por isso este enorme entusiasmo que encontramos aqui hoje, a falar e a recordar o José Medeiros Ferreira, semelhante ao que encontrámos na conferência de Lisboa, e que está espelhado de forma tão exuberante no livro.

Gostaria de dizer uma última coisa. Que poderá ser entendida como uma provocação:

o José Medeiros Ferreira era uma pessoa de convicções e de valores. E queria ser livre, como afirmou num dos registos exibidos esta noite. Talvez, como outros na mesma condição, tenha pago um preço demasiado elevado por isso. A sua vida não foram só homenagens, como esta, mas também eventualmente a consciência de uma capacidade política que poderia ter sido aproveitada de outra forma pelo país.

Possivelmente sentiu mágoa por isso (era suficientemente inteligente para o perceber), e eu tenho pena, por desperdiçarmos aqueles que de entre nós são os mais capazes.

Obrigada.